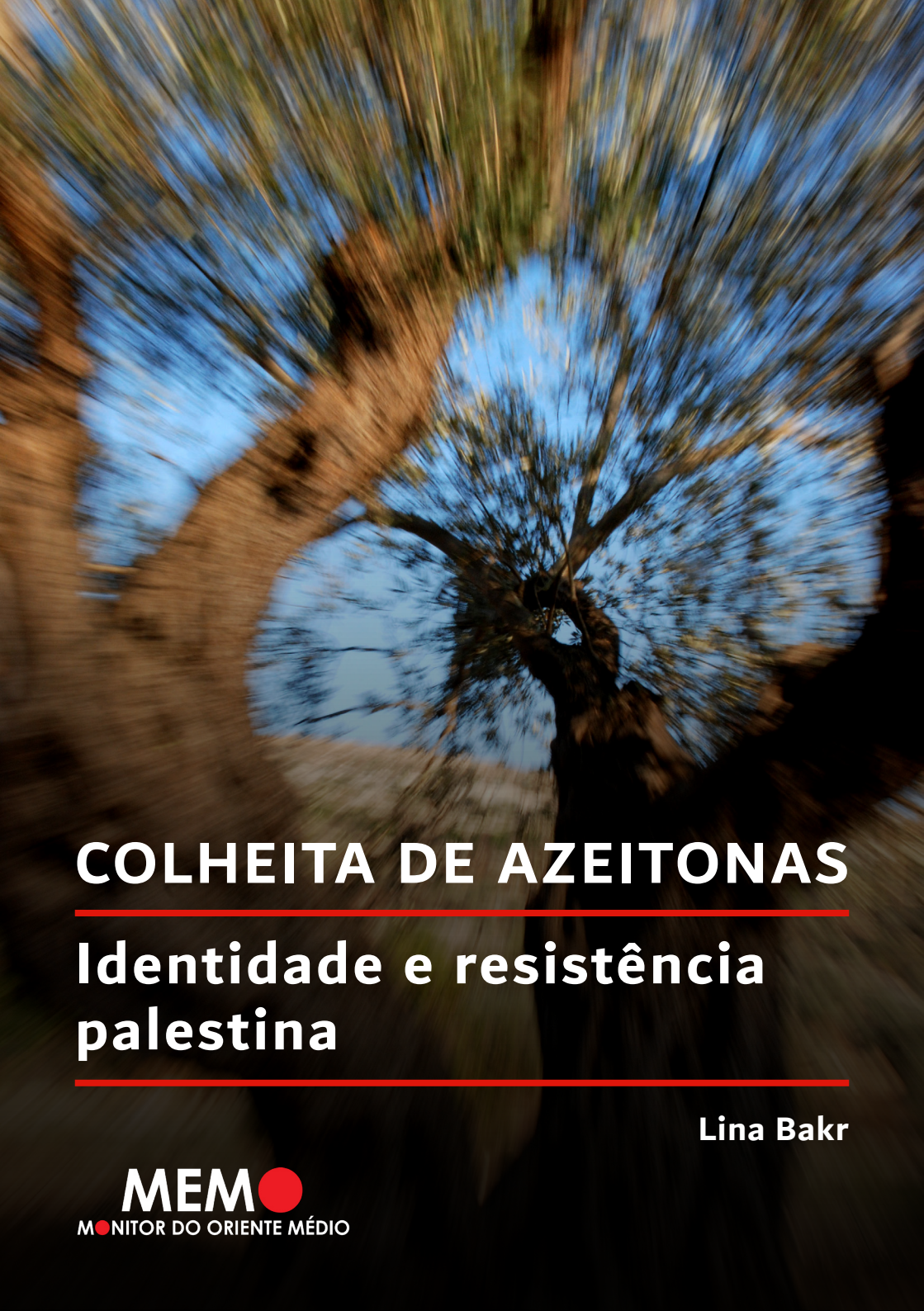




COLHEITA DE AZEITONAS

Identidade e resistência palestina

Lina Bakr

MONITOR DO ORIENTE MÉDIO

O Monitor do Oriente Médio é um instituto de pesquisa política sem fins lucrativos que fornece informações e análises abrangentes sobre política internacional. Sua produção é disponibilizada para uso de jornalistas, acadêmicos e políticos com interesse nas regiões do Norte da África e Oriente Médio — com destaque para a questão palestina. O portal em português também inclui informações e análises sobre América Latina.

O objetivo do MEMO é influenciar políticas e pautas públicas a partir da perspectiva da justiça social, dos direitos humanos e da lei internacional. Isso é fundamental para obter igualdade, segurança e justiça.

O MEMO gostaria de ver um Oriente Médio definido por princípios de igualdade e justiça, ao promover a restauração dos direitos palestinos, incluindo o direito de retorno e um Estado palestino democrático com Jerusalém como sua capital. O MEMO defende também um Oriente Médio livre de armas nucleares.

Ao assegurar que formuladores de políticas sejam melhor informados, por meio de uma cobertura de mídia justa e embasada, o MEMO busca promover um maior impacto nos atores responsáveis por decisões-chave que afetam políticas regionais e internacionais.

Título:

Colheita de azeitonas: Identidade e resistência palestina

Foto de capa: Oliveira palestina em Janyah

[Lina Bakr/2007]

Publicado em novembro de 2022.

Esta publicação preserva os direitos de copyright dos autores. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, transmitida ou distribuída, por qualquer forma ou meio, sem expressa autorização prévia dos detentores dos direitos autorais.



Monitor do Oriente Médio
Avenida Conselheiro Carrão, 1077
Sala 706, Vila Carrão São Paulo
Estado de São Paulo, Brasil
www.monitordooriente.com

COLHEITA DE AZEITONAS

Identidade e resistência palestina

Lina Baker

Fotógrafa e jornalista.

A oliveira faz parte da história e vida dos palestinos. Tornou-se símbolo de resistência e resiliência palestina e é considerada como identidade nacional desse povo, não apenas por ser a fonte de renda de grande parcela da população ou por ser uma árvore forte e suportar diversidades climáticas, mas por ter em seu solo raízes fincadas à terra, que assim como o povo palestino, resiste às mais difíceis circunstâncias.

A temporada de colheita das azeitonas acontece anualmente entre os meses de outubro e novembro. No entanto, os olivais permeiam a vida dos palestinos por todo o tempo, seja na culinária, nas cantigas aprendidas nas escolas, como também na arte e literatura, tendo como alguns exemplos clássicos, as cores vivas do artista plástico Sliman Mansour e os versos de resistência de Mahmud Darwish.

Os palestinos preservam a tradição de colher e cultivar a terra como seus ancestrais faziam. A colheita é uma prática que envolve toda a família, transformando o trabalho num grande encontro de confraternização e amor pela terra, onde todos se reúnem em volta da árvore e fazem do trabalho pesado e cansativo uma grande festa, com comidas preparadas em casa ou produzidas nos bosques. Canções tradicionais geralmente fazem parte da colheita – canções antigas que são ensinadas nas escolas ou mesmo em casa.

A colheita de azeitona é uma cultura milenar. Cerca de 80 mil famílias ainda dependem de seu cultivo para a subsistência. Nenhuma árvore representa tão bem a tradição árabe-palestina como a oliveira. Os olivais da Palestina guardam histórias do início da civilização, são testemunhas do surgimento das três principais religiões monoteístas do mundo, bem como de impérios e invasores que passaram por suas terras e então caíram. E lá, forte e firme, ficaram as oliveiras.



A oliveira não chora tampouco ri. A oliveira
é a donzela modesta das colinas. A sombra
cobre seus ombros e suas folhas não caem sob a tempestade.
De pé, está sentada; sentada, resiste.
Vive como irmã e amiga da eternidade, vizinha do tempo
que a ajuda a guardar seu óleo de luz
e esquecer o nome dos invasores.

Mahmud Darwich



Se as oliveiras conhecessem as mãos que as plantaram,
seu azeite se transformaria em lágrimas.

Mahmud Darwich



Colheita de azeitonas em cidades ao redor de Ramallah [Lina Bakr/2007]



Colheita de azeitonas em cidades ao redor de Ramallah [Lina Bakr/2007]



Colheita de azeitonas em cidades ao redor de Ramallah [Lina Bakr/2007]



Colheita de azeitonas em cidades ao redor de Ramallah [Lina Bakr/2007]



Após as azeitonas serem colhidas é necessário separar as folhas dos frutos
[Lina Bakr/2007]



Colheita de azeitonas em cidades ao redor de Ramallah [Lina Bakr/2007]



Colheita de azeitonas em cidades ao redor de Ramallah [Lina Bakr/2007]

Há cerca de doze milhões de oliveiras em 45% das terras agrícolas da Cisjordânia ocupada. Segundo a rede [Olive Oil Times](#), cerca de 80% dos olivais têm mais de um século. Entre essas árvores milenares está a oliveira considerada uma das mais antigas do mundo, localizada no vilarejo de Al-Walaja, em Belém, na Cisjordânia ocupada.

De acordo com o Ministério da Agricultura palestino, estima-se que a árvore tenha cerca de 5 mil anos. Seu tamanho estende-se por mais de 250 metros quadrados, com cerca de 13 metros de altura; suas raízes alcançam cerca de 25 metros de profundidade.

Salah Abu Ali, cidadão palestino e guardião da oliveira milenar, observou em entrevista, concedida ao [The Middle East Eye](#): “Esta árvore não é menos importante do que as mesquitas de Al-Aqsa ou Ibrahimi”

Os residentes palestinos consideram a árvore como fonte de sorte e bênçãos. Segundo o guardião da árvore, as mulheres pegavam suas folhas caídas para se proteger do mal. Além disso, todos os anos, famílias vêm à sombra da árvore para sacrificar suas ovelhas, durante o festival islâmico de Eid al-Adha.

Não se sabe ao certo a origem primitiva da árvore de azeitona; porém, estudiosos afirmam que a cultura olival data do terceiro milênio antes de Cristo, na região da Síria, Líbano e Palestina – hipótese sustentada também pelo Conselho Oleícola Internacional, órgão intergovernamental criado sob auspícios da Organização das Nações Unidas (ONU).



Uma das mais antigas oliveiras da palestina, com alguns milhares de anos, dá nome ao vilarejo Al-Walaja, onde está localizada [Stop the Wall]

As palavras azeite e azeitona são derivadas dos termos árabes *az-zait* e *az-zaitunã* respectivamente. Embora não se saiba exatamente quando o azeite foi produzido pela primeira vez, uma coisa é certa: ele está presente em boa parte da história da humanidade e também nos textos mais antigos.

Há indícios de que os mesopotâmicos já usavam o azeite para untar o corpo na proteção ao frio há mais de seis mil anos. Existem inscrições do tempo de Ramsés II (1197-1165 a. C.), descobertas em Heliópolis, no templo do deus Rá, onde se usava o azeite para fornecer iluminação ao palácio sagrado.

A oliveira está presente em quase todas as religiões e nos textos mais antigos: no Gênesis, a pomba de Noé traz no bico um ramo de oliveira para lhe mostrar que o mundo revive; o Livro do Êxodo, da Bíblia hebraica, diz que Yaveh prescreve a Moisés a “Santa Unção” na qual o azeite se mistura com perfumes raros; no Corão, é descrita a árvore que nasce no Monte Sinai e refere-se ao óleo que dela se extrai para ser transformado em luz de candeia, “que parece um astro rutilante”.

Em sua mitologia, os egípcios atribuíam à Ísis, mulher de Osíris, deus supremo, o mérito de ensinar a cultivar a oliveira. Na lenda grega, Palas Atenas, deusa guerreira dotada de inteligência e sabedoria, faz brotar a oliveira de um golpe e ensina aos habitantes de sua cidade o cultivo e o uso desta árvore.

A cultura olival é rica e extensa, inspirou grandes pensadores de todos os tempos. Nenhuma árvore criou tantas lendas e mitos por diversos povos como a oliveira. Os benefícios e a utilização de seus frutos são imensuráveis para a humanidade.

Embora a oliveira seja considerada símbolo da paz mundial, é neste período de colheita que Israel mostra uma de suas faces mais violentas, intensificando seus ataques a camponeses e a destruição de seus olivais.

Os colonos israelenses que, protegidos pelo exército ocupante, queimam árvores e saqueiam as azeitonas palestinas, agem com extrema violência. Sempre em grupos, esses colonos, muitas vezes, espancam os agricultores, sem fazer diferença entre homens, mulheres, crianças ou idosos. A impunidade lhes permite que conservem tais atos.

A violência não vem apenas dos colonos que estão instalados em assentamentos dentro da Cisjordânia – considerados ilegais pela ONU e a comunidade internacional –, mas do próprio projeto sionista de limpeza étnica perpetrado pelo estado ocupante de Israel.

De acordo com o *Visualizing Palestine*, cerca de 800 mil oliveiras foram desenraizadas desde 1967 pela ocupação israelense. Fazendo uma comparação, a ong destaca que esse desmatamento equivale 33 vezes à derrubada das 24 mil árvores do Central Park de Nova York.

Assentamentos versus contaminações

Os assentamentos ilegais são construídos em terras palestinas desapropriadas por Israel para a construção de casas para colonos vindos de várias partes do mundo. Tais construções não implicam apenas no despejo de seus proprietários originais, os palestinos, mas também no desmatamento massivo de enormes áreas agrícolas, na contaminação do solo, rios e suas nascentes e também no impedimento dos palestinos acessarem suas terras, tirando destes o direito internacional de ir e vir.



Folhas amarelas e azeitonas infectadas devido a contaminação do solo [ARIJ]



Azeitona atacada por insetos nocivos que vivem nas fontes de água contaminadas [ARIJ]



Águas residuais fluindo para uma nascente e as algas que cresceram como resultado [ARIJ]

O esgoto produzido pelos assentamentos, despejado ilegalmente em fazendas e aldeias palestinas, contamina o solo e consequentemente reduz ou destrói a produção agrícola. Isso implica ainda em danos à saúde dos palestinos que vivem em torno dos assentamentos, devido à contaminação dos escassos recursos hídricos.

As consequências geradas por essas questões são devastadoras para os palestinos, sendo um resultado a desaceleração econômica, gerando um aumento da pobreza e empurrando palestinos à migração para outras terras em busca de uma vida digna. Um estudo de caso desenvolvido pelo Instituto de Pesquisa Aplicada de Jerusalém (ARIJ), analisou os efeitos dessas práticas em duas áreas de Belém: Wadi Foukin e Nahaleen.

Segundo a ong, apenas na cidade palestina de Belém e seus arredores, há 23 assentamentos ilegais, com população estimada em cerca de 40 mil colonos. A água usurpada dos palestinos para tais colônias volta para a terra sem tratamento e sem nenhum planejamento. Fontes e nascentes são gravemente poluídas, trazendo o caos para a vida dos palestinos e para toda a natureza.

Por exemplo, o assentamento ilegal de Betar Illit – no maior no distrito de Belém, construído em 1985, com 39.736 habitantes, conforme dados de 2011 – despeja enormes quantidades de águas residuais em ambas as aldeias. Estima-se que 80% de todos os recursos utilizados resultam em águas residuais.

O estudo diz que, em média, são usados diariamente, 300 litros por pessoa pelo Betar Illit – estimativa baixa em comparação com os mais de 400 litros utilizados por alguns assentamentos. Cada 240 litros se tornam águas residuais. Para toda a população do assentamento, estima-se 9.536,64 litros de águas residuais por dia sendo despejados em terras e aldeias palestinas por de Betar Illit.

Os danos causados por tamanho despejo de águas residuais – ou seja, esgoto – é devastador na Palestina ocupada. O efeito gerado para os palestinos é menor produção agrícola, degradação da economia, desemprego, pobreza e falta de oportunidades. A saúde dos palestinos é também afetada, uma vez que o esgoto é despejado nas nascentes de águas, até então, potáveis.

A ARIJ alerta que, sob a Lei Internacional da Água, Israel é obrigado a cessar todas as atividades que poluem as fontes de água e violam a regra de ‘não-dano’ codificada nessa legislatura. A Resolução da Assembléia Geral 1803 (1962), lembra a ARIJ, reitera o direito palestino de soberania permanente sobre seus recursos naturais, o que Israel insiste em negar.

A ong cita que o Direito Internacional Humanitário (DIH) descreve Israel como potência ocupante e que tem obrigações, portanto, com a Palestina. Uma das responsabilidades previstas está no Artigo 55 dos regulamentos de Haia, que afirma que as águas subterrâneas são um bem imóvel – logo, protegidas por regras de usufruto –, que não pode ser esgotado, danificado ou destruído por Israel.

Porém, o que se vê, não é apenas o descumprimento das normas internacionais, mas o aumento das colônias predatórias em toda a Palestina ocupada, gerando todo tipo de violência e destruição da natureza, com seu desmatamento e contaminação dos solos e das águas, como a própria violência física e psicológica sobre os palestinos.

Colonos e violência

De acordo com o Centro de Informação de Israel para os Direitos Humanos nos Territórios Ocupados – B’Tselem, de 1967 até o final de 2017, mais de 200 assentamentos israelenses foram estabelecidos na Cisjordânia, onde atualmente vivem cerca de 620 mil colonos distribuídos em todo território palestino, incluindo Jerusalém ocupada.

Michael Lynk, relator da ONU para direitos humanos nos territórios palestinos, reiterou em sessão realizada em Genebra, em julho de 2021, que os assentamentos na Cisjordânia constituem crime de guerra. Sob o direito internacional, são ilegais e devem ser desmantelados; Israel, porém, protege e estimula colonos a viver nas terras, com ajuda de custo e menores impostos, quando não isenção de tributos.

A violência gerada pelos colonos virou parte da vida cotidiana dos palestinos. Não obstante, é na temporada de colheita que os ataques coloniais de fato se intensificam.

Els Debuf, chefe da missão da Cruz Vermelha (CICV) em Jerusalém comentou: “Por anos, o CICV observou um pico sazonal na violência de colonos israelenses que residem em certos assentamentos e postos avançados na Cisjordânia, em relação aos agricultores palestinos e suas propriedades, no período que antecede a temporada de colheita da azeitona, bem como durante a temporada de colheita entre outubro e novembro”.

Debuf acrescentou que “os agricultores [palestinos] também vivenciam atos de assédio e violência que visam impedir uma colheita bem-sucedida, sem falar na destruição de equipamentos agrícolas ou no desenraizamento e queima de oliveiras. Esta é uma preocupação importante que continuamos a compartilhar com as autoridades responsáveis”.

Somente nas primeiras quatro semanas da temporada do ano de 2020, entre 7 de outubro e 2 de novembro, o Escritório de Coordenação de Assuntos Humanitários das Nações Unidas (OCHA) registrou 33 incidentes em que colonos israelenses atacaram palestinos ou danificaram suas árvores ou produtos. Vinte e cinco palestinos ficaram feridos, mais de mil oliveiras foram queimadas ou danificadas e grandes quantidades de produtos foram roubados.

Ao trazer dados mais recentes sobre a matéria, o Centro de Pesquisa da Terra de Jerusalém (LCR) publicou um relatório em parceria com a ARIJ, no qual reafirmou que, com o passar dos anos, as forças israelenses arrancam e danificam cada vez mais oliveiras na Palestina ocupada. O gráfico abaixo demonstra que, do ano de 2020 a 2021, o número de árvores arrancadas e/ou danificadas mais do que dobrou.



Palestinos extinguem fogo em olival, incendiado por colonos, na aldeia de Salem, a leste de Nablus, no norte da Cisjordânia ocupada, 14 de novembro de 2010 [Jaafar Ashtiyeh/AFP via Getty Images]



Agricultores palestinos inspecionam suas oliveiras danificadas por colonos israelenses [Issam Rimawi/Agência Anadolu]



Escavadeiras israelenses arrancam oliveiras palestinas,
15 de abril de 2016 [Agência Anadolu]

A pesquisa indica ainda que esse crescimento, na maior parte, é causado pelo aumento dos ataques de colonos que aumentaram 21% no ano de 2021, em relação ao ano anterior.

Além do desenraizamento e cortes das árvores, muitas vezes os agricultores palestinos chegam em suas terras para a colheita e já não há mais azeitonas, pois foram roubadas pelos colonos. Materiais de trabalho, como enxadas, escadas e outros equipamentos, conforme relatos, também são roubados.

A violência não se limita apenas aos agricultores. Nas temporadas de colheita, a Palestina recebe voluntários do mundo todo, para agilizar o trabalho, pois, em muitos locais, o tempo de permanência na terra é estipulado de forma restritiva pelos órgãos públicos da ocupação israelense. Esses voluntários, que também agem como observadores internacionais, não são resguardados da violência e dos ataques coloniais.

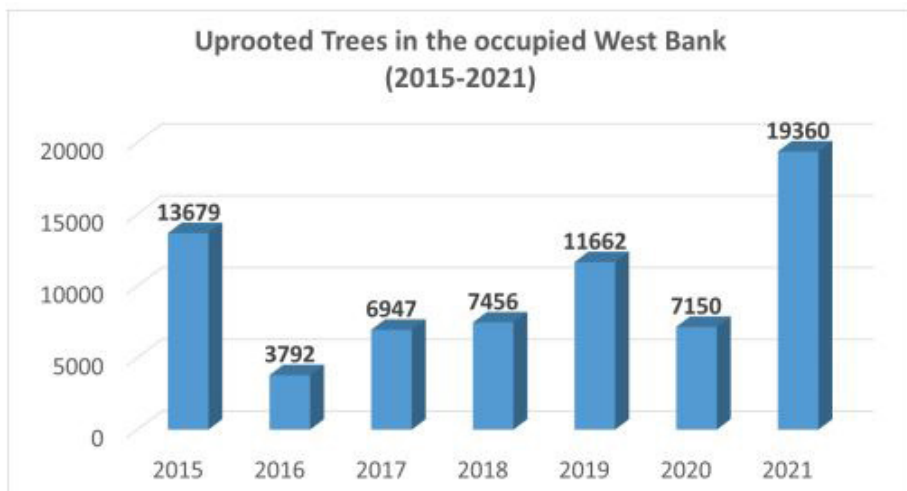


Gráfico: Árvores arrancadas na Cisjordânia ocupada (2015-2021)

Muro do Apartheid e a destruição das oliveiras

A construção do muro do apartheid teve início em 2002, assim que completado, terá a extensão de 712km e cortará 85% da Cisjordânia, transformando o pouco que restou da Palestina em verdadeiros bantustões, Israel utiliza o mesmo meio de apartheid que a África do Sul adotou no final da década de 1940. O muro construído em terras palestinas separa agricultores de suas terras, isola famílias e comunidades, divide escolas e até cemitério.

Em 2004, o Tribunal Internacional de Justiça declarou a ilegalidade da obra, considerando que “a construção do muro e seu regime associado criam um ‘fato consumado’ no terreno que pode se tornar permanente, e, neste caso, e não obstante a caracterização formal do muro por Israel, seria equivalente a uma anexação de fato”.

Segundo o *Stop The Wall*, o muro é construído com concreto ao longo de 20% de seu comprimento, inclusive em Belém, partes de Ramallah, Qalqilya, Tulkarm e em todo o entorno de Jerusalém. Tem oito metros de altura – o dobro da altura do Muro de Berlim – com torres de vigia e uma “zona neutra” de 30 a 100 metros de largura para cercas elétricas, trincheiras, câmeras, sensores e patrulhas militares.

Em outras partes, o muro é composto por camadas de cercas e arame farpado, estradas para patrulha militar, caminhos de areia para rastrear pegadas, valas e câmeras de vigilância.

O Muro do Apartheid que isola e impede os palestinos de acessarem suas terras, também destrói estruturas, árvores frutíferas e oliveiras – algumas das quais com mais de 600 anos.



Muro do apartheid corta aldeia palestina [Stop The Wall]

Al-Walaja, uma das oliveiras mais antigas do mundo, está ameaçada pela ocupação, porque o governo israelense está construindo o muro ao redor da vila em que a árvore está, separando as famílias que cuidam de sua preservação. Não se sabe ainda qual o futuro da oliveira ancestral. Os palestinos tentam mudar a rota do muro; até então, sem êxito.

Este muro é mais uma das violações de Israel que comprovam o que ONGs – como B’Tselem, Anistia Internacional, Human Rights Watch (HRW), entre outras – denunciam: Israel é um estado de apartheid, como diziam anteriormente ONGs palestinas e, sobretudo, os próprios palestinos, que vivem na pele a segregação cotidiana.

Minha experiência na colheita em Al-Janya

Particpei como observadora da colheita de azeitona da cidade de Al-Janya, uma pequena aldeia que fica a oito quilômetros a noroeste de Ramallah. Fincada em uma montanha, Al-Janya é totalmente cercada por assentamentos ilegais.

Os moradores locais só podem acessar suas terras com data e hora marcada, determinados por Israel e somente em época de colheita da azeitona. Ou seja, não podem regar, cuidar ou até mesmo passear em suas terras. Mesmo assim, as oliveiras que lá estão resistem à brutal ocupação israelense; em sinal de rebeldia, florescem todos os anos e dão seus frutos aos habitantes originários da Palestina.

Estive na aldeia de Al-Janya por apenas um dia, porque o número de pessoas que podem acessar a terra também é limitado pelas autoridades da ocupação israelenses. Acompanhei a família de Ahmad Atef Youssef e Nabiha Abdel Halim Youssef durante sua colheita das oliveiras, a partir de contato realizado por seu sobrinho, residente no Brasil, Hassan Zarif.

A família Youssef me acolheu em sua casa com a característica hospitalidade palestina, fazendo com que eu me sentisse com minha própria família. Apesar das enormes dificuldades que enfrentam, os palestinos são extremamente amorosos e hospitaleiros.

Antes da colheita, as famílias palestinas precisam preparar uma lista de quantas pessoas irão trabalhar e apresentar os documentos de todos que participarão às tropas israelenses. Os camponeses esperam por horas a chegada dos soldados para então acompanhá-los até suas próprias terras. Os soldados nunca chegam na hora; os palestinos, no entanto, têm de ser pontuais.



Soldados israelenses escoltam agricultora palestina para que colonos invasores não a ataquem [Lina Bakr/2007]



A família Youssef e voluntários fazem a colheita de azeitonas em Al-Janya
[Lina Bakr/2007]



Estufa construída pela família Yossef não resistiu aos ataques dos colonos. A estufa foi queimada por colonos e reconstruída diversas vezes pelos palestinos diversas vezes. Em segundo plano, é possível ver o assentamento construído em terras palestinas [Lina Bakr/2007]



A família Youssef e voluntários fazem a colheita de azeitonas em Al-Janya
[Lina Bakr/2007]



Após a colheita, azeitonas são levadas a uma fabriqueta local em Al-Janya, onde o azeite é extraído [Lina Bakr/2007]

Seguindo as regras da ocupação, chegamos na hora marcada ao local, que é como um checkpoint ou posto de controle: uma barreira composta por enormes rochas e uma cancela. Esperamos por cerca de uma hora até os soldados liberarem a entrada na terra do sr. Youssef a suas terras ancestrais. Durante todo esse período de espera, estávamos todos proibidos de deixar o carro.

Passamos por dentro de assentamentos ilegais para chegar ao campo e pude observar, de dentro de nosso carro, piscinas e quadras esportivas. Os assentamentos israelenses são como condomínios de luxo; contudo, construídos em terras roubadas.



Os assentamentos israelenses são como condomínios fechados onde os colonos têm privilégios e proteção armada; ao contrário, os camponeses palestinos vivem na mira da limpeza étnica [Lina Bakr/2007]



Os assentamentos israelenses são como condomínios fechados onde os colonos têm privilégios e proteção armada; ao contrário, os camponeses palestinos vivem na mira da limpeza étnica [Lina Bakr/2007]

Ao chegar, fomos surpreendidos pelo vandalismo praticado por colonos nas oliveiras da família Youseff. Muitas haviam sido danificadas, com os galhos cortados e com o roubo de parte das azeitonas. Mas ainda restavam algumas oliveiras intactas e aquela tensão e frustração do momento deu espaço à alegria de ainda poder realizar a tão aguardada colheita.

Senti ali uma atmosfera de amor e força comovente. Como num passe de mágica, toda dificuldade que tivemos até o momento da chegada parecia ter sumido, pois havia ali tantos sorrisos entre todos, carinhos com a terra e alegria pelos frutos, que por um momento foi possível esquecer toda a aberração praticada pelos colonos.

No meio do dia, alguns colonos apareceram, tentando tirar o foco dos agricultores com provocações e xingamentos. Porém, os palestinos seguiram firmes na colheita, desprezando os invasores.

A família Youssef entre a ocupação e as oliveiras

Ahmad Atef Youssef tinha quatorze anos em 1948, quando as milícias sionistas invadiram o campo palestino, destruindo mais de 500 aldeias e expulsando sua população. Al-Janya, a aldeia de Ahmad, não foi destruída, mas recebeu muitos refugiados que ali permaneceram alguns anos em barracas improvisadas de lona.

Ahmad se lembra claramente de 1967, quando a Cisjordânia foi ocupada militarmente. Assentamentos judaicos começaram a ser construídos ao redor da aldeia de Al-Janya. Terras de plantio foram usurpadas e seu acesso vedado aos palestinos. A casa de Ahmad foi destruída duas vezes pelo exército israelense. Indignada, a sua filha mais velha tornou-se guerrilheira e foi presa em uma ação contra Israel em Jerusalém. Ahmad sonhou, até sua morte, em cultivar suas oliveiras em paz.

Nascido em 12 de dezembro de 1933, em Al-Janya, toda a infância de Ahmad transcorreu entre as árvores de azeitonas. Desde os cinco anos de idade, ajudou seus pais na colheita, brincando entre as oliveiras.

Em 1948, quando Israel invadiu a Palestina, sua cidade natal foi tomada por outros palestinos expulsos de suas casas e virou um grande campo de refugiados. Havia barracas de lona por toda a parte e os moradores de Al-Janya buscavam ajudar os refugiados, dando-lhes emprego e comida. Mas logo esses refugiados foram embora, não tinham condições econômicas para permanecer na cidade.

Em 1967, após uma semana de ataques, as tropas árabes foram brutalmente esmagadas. Quando o exército israelense chegou em Al-Janya, ordenou que os moradores palestinos erguessem bandeira branca – isto é, que se rendessem.



Ahmad Atef Youssef, em 2007, hoje falecido [Lina Bakr/2007]

Na década de 1980 foram construídos milhares de assentamentos exclusivamente judaicos ao redor de Al-Janya – terras foram usurpadas e seus donos palestinos foram proibidos de regressar a elas; segundo a ocupação, já não mais lhes pertenciam.

A revolta e indignação apoderou-se de muitos cidadãos que tiveram terras perdidas. Quando a filha mais velha de Youssef, então guerrilheira, foi presa pelas autoridades ocupantes, na cidade de Jerusalém, a casa de toda a família foi demolida. A prática comum e ilegal é descrita como “punição coletiva”.

Durante quatro anos, a família foi proibida de reconstruir seu lar. Por fim, a casa foi reerguida com ajuda da comunidade de Al-Janya e da cidade vizinha. Quem não podia ajudar com dinheiro o fazia com mão-de-obra. Sempre que as casas são destruídas por israelenses, a comunidade palestina se mobiliza para ajudar na reconstrução, pois muitos já sentiram na pele o que é passar essa situação.

Quem tem um ente familiar preso pelos sionsitas, também paga o preço. Todos da família são marcados e não podem deixar o país; alguns só saem por sorte ou pela intervenção de algum advogado.

Ahmad Atef Youssef dizia esperar e sonhar com a paz, que as pessoas poderiam viver com liberdade em suas terras, sem medo de fazer a colheita e levar um tiro pelas costas, com seu direito consagrado de ir e vir, sem o cerco de colonos e com o devido retorno dos palestinos expulsos e de seus descendentes.

Assim como Ahmad, Nabiha Abdel Halim Youssef também sonha com um futuro sem medo e com o retorno dos refugiados. Nabiha também foi expulsa de suas terras pela colonização israelense.

A pequena casa de um só cômodo onde vivia ficava de frente à plantação de oliveiras, de onde vinha o sustento de sua família. Não obstante, o local foi visado pelos primeiros colonos israelenses que chegaram à região, em meados de 1967. Com medo de permanecer nas suas terras, a família de Nabiha mudou-se para a cidade. O casebre foi incendiado e vandalizado por soldados e colonos.



Nabiha Abdel Halim Youssef, agricultora de Al-Janya, na velha casinha de um cômodo que até hoje conserva as marcas da guerra de 1967, com a bandeira de Israel pintada na parede por soldados [Lina Bakr/2007]

Como outros moradores, ela somente têm acesso às terras sob escolta do exército da ocupação israelense, com data e hora marcada, e apenas na época de colheita da azeitonas. Sua família é ainda obrigada a apresentar os documentos de todos os seus membros meramente para exercer sua tradição milenar.

Nabiha recorda nitidamente o dia em que o exército jordaniano entrou na cidade. Fazia pão com sua sobrinha e as duas chamaram os soldados árabes para lhes preparar um chá. Era normal na cidade: os moradores geralmente davam roupas, comida e água aos soldados árabes. Nessa época, o quintal do casebre onde morava com os filhos era uma terra vasta com numerosas oliveiras.

Aterrorizados, seus integrantes visitavam a casa somente na época de colheita, e ali permaneciam durante a temporada; em seguida, regressavam à cidade. Hoje, sua casa está fechada; na fachada, soldados picharam uma bandeira de Israel.

A solidariedade brasileira na colheita de azeitonas

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) possui uma tradição extraordinária de ajudar na colheita palestina. O movimento surgiu oficialmente em 1984, com objetivo central de lutar pela reforma agrária no Brasil. Contudo, desde o final da década de 1970, já havia uma grande mobilização de trabalhadores que contestavam o modelo agrícola e a violência de Estado, o que fez surgir as primeiras ocupações.

Em comum com o povo palestino, tem a luta pelo direito à terra e a promoção de um modelo de agricultura familiar. Para isso, os trabalhadores clamam pelo direito de cultivar alimentos e residir em terras latifundiárias ou improdutivas, dispostos a mudar a realidade local. Atualmente, o MST está presente em 24 estados brasileiros e já beneficiou cerca de 450 mil famílias que hoje possuem terras para produzir.

A luta pela terra e por justiça social – pautas que orientam os fundamentos do MST –, ultrapassou as barreiras geográficas, chegando em forma de trabalho e solidariedade à Palestina.

Cassia Bechara, da direção nacional do MST e seu Coletivo de Relações Internacionais contou, em entrevista ao **MEMO**, como foi o início da relação de luta e solidariedade do movimento brasileiro com a Palestina ocupada, assim como sua participação na colheita de azeitonas.

Como se deu o encontro do MST com a Palestina?

Temos a Palestina, Cuba, a própria revolução nicaraguense como fontes de inspiração para o MST, para nossa luta. Contudo, eu identificaria o ponto no qual a nossa relação com a Palestina se torna mais umbilical. Foi há vinte anos, quando nosso companheiro Mário Liu, um dos fundadores do movimento, viajou como delegado do MST, junto da Via Campesina, à Palestina.

Durante uma visita à sede da Autoridade Palestina, junto com Yasser Arafat, o local foi sitiado, cercado e bombardeado por Israel. Mario Liu e os companheiros da delegação ficaram vinte e dois dias isolados com os palestinos, sem água e sem luz. Foi proibida a entrada de alimentos e, durante todo esse período, tiveram de dividir a pouca comida que tinham. Indignados, empunhavam a bandeira do MST junto da bandeira palestina, ao lado de Yasser Arafat.

Foi algo muito forte e simbólico para todos nós. O objetivo da delegação da Via Campesina era iniciar articulações com o movimento camponês na Palestina e construir nossa solidariedade.

Por que escolheram a colheita de azeitona como missão?

Porque exatamente a época da colheita é quando, tanto colonos israelenses como o exército de Israel fazem de tudo para barrar a entrada dos palestinos nas plantações de azeitona.

Israel usa a terra como estratégia ao impedir a colheita da azeitona, pelo próprio simbolismo que as oliveiras têm para o povo palestino, mas também pelo azeite produzido, que é uma das principais fontes de renda do campesinato. Então, ao impedi-los de colher a sua safra, também os impedem de garantir sua sobrevivência.

Antes de decidirmos enviar essa primeira brigada, em 2011, a partir da primeira visita, em 2002, o MST se aproximou do UAWC (União dos Comitês de Trabalho Agrícola) e juntos organizamos a missão, cuja demanda era precisamente a colheita de azeitonas. A UAWC é uma das organizações que articula missões internacionais relacionadas à colheita.

Fomos com um grupo de quinze companheiros e companheiras do Brasil inteiro nessa primeira missão, que durou dois meses. Ficamos o primeiro mês na colheita, com a organização da UAWC na divisão dos companheiros nas regiões onde os ataques são mais intensos. Fomos hospedados pelas famílias dos camponeses. Foi algo realmente muito forte.

Ficamos um mês depois da colheita visitando as várias organizações populares da Palestina, as frentes de resistências, diferentes territórios. Nunca conseguimos chegar a Gaza, devido ao bloqueio israelense; porém, ao menos ali, na região da Cisjordânia, pudemos também visitar e conhecer outras frentes de luta e outras organizações da Palestina.

Depois desta missão, realizamos mais quatro brigadas e cada uma delas teve uma experiência diferente. Tivemos brigadas nas quais o pessoal que estava lá vivenciaram ataques armados ao trabalho de colheita.



Brigada Ghassan Kanafani/MST na colheita de azeitona ne Palestina
[Maria Silva]

Eram diferentes níveis e diferentes formas de ataque, como bloqueios do exército para a entrada na terra, entre outras. Em uma das ocasiões, o MST teve que mediar como força internacional para garantir a entrada de todos. Sofremos muito assédio dos colonos armados no entorno das plantações.

O MST realiza essa missão de dois em dois anos. Não fomos nos últimos anos por conta da pandemia e este ano por ser ano eleitoral. Já faz quatro anos desde a última vez. No ano que vem devemos retomar as brigadas que para nós são fundamentais, centrais, pela solidariedade real e concreta.



Brigada Ghassan Kanafani/MST na colheita de azeitona ne Palestina
[Maria Silva]

Qual a importância da colheita de azeitona para o MST?

Essa experiência ajudou a nossa base social Sem Terra a se identificar ainda mais com a luta palestina. Primeiro, pela questão da terra, a nossa luta comum do MST e do povo palestino. Em segundo lugar, por essa questão do quanto é caro para todo camponês e camponesa a sua colheita. E impedir um camponês, uma camponesa de acessar a sua lavoura e fazer essa colheita é algo hediondo.

Conhecer de perto e ajudar com os seus corpos, não só no trabalho físico, mas a pelo menos amenizar tais agressões e tentar garantir o máximo a produção das colheitas, foi algo muito forte ao MST.

É importante não só para quem esteve lá, mas para todos os integrantes do movimento, pois acompanhamos de diferentes formas essas brigadas, com espaços de socialização nos quais transmitimos nossas experiências. Essa é uma formação que nenhum curso jamais poderá dar à nossa militância. As pessoas voltam com um nível de formação integral, muito impressionante e fundamentalmente cultural.

Brigadistas que participam da colheita têm essa tarefa de não só repassar a experiência, mas de cultivar a solidariedade com a luta do povo palestino, na nossa base social e nos estados onde atuam. O plano, na verdade, é constituir uma brigada permanente com integrantes do MST que passem a morar na Palestina para contribuir com o desenvolvimento de sua agricultura.

As próprias organizações palestinas têm nos convocado para ajudar a potencializar a agricultura agroecológica e também para contribuir com a formação política.



Brigada Ghassan Kanafani/MST na colheita de azeitona ne Palestina
[Maria Silva]



Brigada Ghassan Kanafani/MST na colheita de azeitona ne Palestina
[Maria Silva]

MEMO

MONITOR DO ORIENTE MEDIO

Criando Novas Perspectivas



monitordooriente.com



[/monitordooriente](https://www.facebook.com/monitordooriente)



[@monitordoorient](https://twitter.com/monitordoorient)



[@monitordooriente](https://www.instagram.com/monitordooriente)